



## Erotismo, mística e morte: a tríade adeliana

Eroticism, mysticism and death in Adélia Prado poetry

Cleide Maria de Oliveira \*

### Resumo

O artigo pretende apresentar as principais linhas temáticas da poética de Adélia Prado, escritora que do primeiro (*Bagagem*, 1976) ao último livro (*A duração do dia*, 2010) tem surpreendido público e crítica com a articulação de temas que o senso comum considera divorciados, mais propriamente, uma religiosidade mística e uma erótica candente. Pensar o erótico e o místico em Adélia é pensar o humano circunscrito pelo horizonte da morte, sabendo-se que, mais do que uma temática, esses são elementos estruturadores e sustentadores dessa poética que se enraíza em uma corporeidade extrema que assume corpo e linguagem como abertos para o sagrado. Entretanto, ainda que religiosa, sua poesia não é ingênua ou catequética e, a experiência mística, à semelhança do que acontece com os grandes místicos Teresa de Avilla e São João da Cruz, se dá no corpo, que se torna porta de abertura para o mistério: *‘o mistério vai se mostrar através do corpo’*, diz-nos uma das personagens adelianas.

**Palavras-chaves:** Adélia Prado. Mística. Erotismo. Poesia.

### Abstract

The article aims to present the main themes of the poetry of Adelia Prado, a writer who since the first book (*Bagagem*, 1976) to the last (*A duração do dia*, 2010) has surprised audiences and critics with the articulation of issues that common sense believes divorced, more properly, a mystical religiosity and a burning eroticism. Thinking about the erotic and the mystical in Adelia Prado's poetry means thinking about human being as circumscribed by the horizon of death, knowing that more than a simple theme, these are elements of a structured and sustained poetry that is rooted in a extreme corporeality that assumes body and language as always open to the sacred. However, although religious, his poetry is neither naive nor catechetical. Such mystical experience, similar to what happens with the great mystics Santa Tereza de Avilla and São João da Cruz, takes place in the body, which becomes the gateway to the mystery.

**Keywords:** Adélia Prado. Mystic. Eroticism. Poetry.

---

Artigo recebido em 06/06/2011 e aprovado em 25/11/2011.

\* Doutora em Estudos de Literatura pela PUC-Rio. Professora de Literatura Brasileira na UFRJ. País de origem: Brasil. E-mail: cleideoliva@yahoo.com.br

## Introdução

“Erótico é a alma.” (PRADO, 1991, p. 57). A leitura rápida desse verso do poema *Disritimia*, de Adélia Prado, pode enganar olhos menos atentos que, acreditando ver um erro de concordância (afinal, *erótica*, e não *erótico*, é a alma), deixam escapar certas sutilezas do verso. Se *erótica* fosse a alma seria uma equação simples: revela a alma certas qualidades sensoriais que tornam possível a identificação entre física e metafísica, o que não chega a ser nenhuma novidade, posto que esse foi um tema constantemente retomado pelos românticos na enunciação da alma gêmea e no cultivo do amor platônico. Entretanto, a simplicidade se desfaz na análise acurada do enunciado acima: *erótico é a alma*, isto é, o campo do substantivo erótico se deixa invadir pelo substantivo alma, e a relação que se estabelece entre *erótico* e *alma* deixa de ser de determinante e determinado, em que a alma seja determinada pelo erótico, ou vice-versa, tornando-se de mútua equivalência, em que *isto* se iguala a *aquilo*. Assim, todo o cenário do erótico se expande a uma realidade que ultrapassa a corporalidade e se inscreve na transcendência, enquanto o signo alma torna-se pesado e pungente, quase corpóreo.

Erotismo, mística e morte formam uma tríade que abarca toda a obra de Adélia, cujo eixo temático será alicerce de outras reflexões inter-relacionadas, como, por exemplo, os questionamentos de gênero, com a assunção da clara preferência pelo universo feminino, a poética do cotidiano explodindo fronteiras entre o universal e o provinciano, e as considerações antes metafísicas que metalinguísticas sobre o fazer poético. Pensar o erotismo nessa poética é pensar o homem circunscrito pelo horizonte da morte. A declaração de que “a grande tarefa é morrer” (PRADO, 1991, p. 170), do poema *Camposanto*, parte de uma voz ficcional que experienciou a temporalidade que marca as relações dos homens de si para si, de si para com o outro, e de si para com o mundo das coisas que o rodeiam. A morte plasma o estar-no-mundo de cada um de nós, seres descontínuos e perplexos ante essa radical singularidade. Otávio Paz (1982, p. 162) afirmará, sobre essa solidão existencial, que “todos estamos sós porque somos dois”. Aqui é preciso introduzir o conceito de *outridade* de Octávio Paz (2003), que parece apontar para essa instabilidade permanente do humano, dividido entre o instante vivido e as potencialidades que se projetam no vazio do ainda não experienciado. Ser dois – eu e o outro – é não ter o repouso

de uma essência anterior ao meu projeto de vida, é estar sempre à procura de si, inventando-se. Para Paz, existem, entretanto, alguns instantes, pontuais e epifânicos, em que o homem encontra-se consigo mesmo, melhor diríamos, concentra-se em si mesmo, apaziguado de seu trágico destino de "saber que sabe que sabe", novamente integrado ao compasso cósmico do universo e do existir. Ele está diante do abismo, e já não é permitido capitular, o grande salto será dado pela experiência mística, pelo erotismo e pela palavra poética.

## 1 Erotismo e mística

Deflagra-se em Adélia uma íntima relação entre erotismo e mística. Em versos de *O modo poético*, a poeta dirá, sem pejo, que “é em sexo, morte e Deus/ que eu penso invariavelmente, todo dia” (PRADO, 1991, p. 77), apontando para essa circularidade impressionante em temas que o senso comum julga tão díspares, mas que, entretanto, estão decalcadas naquilo que se convencionou chamar, por falta de melhor nome, alma humana. Dentre tantos, os dois poemas a seguir apresentam com bastante clareza a interseção entre erotismo, religiosidade e poesia que é elaborada por Adélia Prado; são eles *Sedução* e *O pelicano*:

### Sedução

A poesia me pega com sua roda dentada,  
me força a escutar imóvel  
o seu discurso esdrúxulo.  
Me abraça detrás do muro, levanta  
a saia pra eu ver, amorosa e doída.  
Acontece a má coisa, eu lhe digo,  
também sou filho de Deus,  
me deixa desesperar.  
Ela responde passando  
língua quente em meu pescoço,  
fala pau pra me acalmar,  
fala pedra, geometria,  
se descuida e fica meiga,  
aproveito pra me safar.  
Eu corro ela corre mais,  
Eu grito ela grita mais,  
sete demônios mais forte.  
Me pega a ponta do pé  
e vem até a cabeça,

fazendo sulcos profundos.  
É de ferro a roda dentada dela. (PRADO, 1991, p. 60).

### O pelicano

Um dia vi um navio de perto.  
Por muito tempo olhei-o  
com a mesma gula sem pressa com que olho Jonathan:  
primeiro as unhas, os dedos, seus nós.  
Eu amava o navio.  
Oh! Eu dizia. Ah, que coisa é um navio!  
Ele balançava de leve  
como o sedutores meneiam.  
À volta de mim busquei pessoas  
olha, olha o navio  
e dispus-me a falar do que não sabia  
para que enfim tocasse  
no onde o que não tem pés  
caminha sobre a massa das águas.  
Uma noite dessas, antes de me deitar  
Vi – como vi o navio – um sentimento.  
Travada de interjeições, mutismos,  
vocativos de supremos balbuciei:  
Ó Tu! e Ó Vós!  
– a garganta doendo por chorar.  
Me ocorreu que na escuridão da noite  
eu estava poetizada,  
um desejo supremo me queria.  
Ó misericórdia, eu disse  
e pus minha boca no jorro daquele peito.  
Ó amor, e me deixei afagar,  
a visão esmaecendo-se,  
lúcida, ilógica,  
verdadeira como um navio. (PRADO, 1991, p. 359)

No primeiro poema o erotismo linguístico é explícito, e a poesia aparece "amorosa e doida" no encaixe do poeta, em uma narrativa que tem o aspecto espontâneo e instintivo do cio animal, o que corrobora com a afirmação de que essa poesia não é "cerebral": seu discurso é "esdrúxulo", porém, extremamente magnético e sedutor, sulcando a carne do leitor com sua roda dentada, imprimindo uma cicatriz e um signo em sua pele nua.

Já no segundo poema citado, é do erotismo sagrado, segundo a terminologia battailiana, que se trata. A experiência do *completamente outro*<sup>1</sup> é radical, sendo

<sup>1</sup> Do alemão "ganz andere", termo cunhado por Rudolf Otto para designar os aspectos irracionais da experiência com o sagrado, significando a manifestação de uma realidade em tudo diferente das realidades naturais, experiência que é inexprimível, dando ao homem a sensação de profunda impotência e temor. Otto adota uma perspectiva de análise do sagrado em que são priorizados seus aspectos irracionais, até então desprezados pelas interpretações do sentimento religioso que se concentravam em suas manifestações institucionalizadas. De acordo com ele, é preciso "limpar" o termo sagrado das conotações morais que se impregnaram nele. Assim, ele opta pelo termo numinoso (do latim "numen", deus)

identificada com a experiência erótica de olhar com uma "gula sem pressa" Jonathan, o personagem-símbolo e síntese do amor humano e divino (ou, se quisermos, do humano-divino) que será extensivamente explorado por Adélia. Erotismo e sagrado impõem uma mesma impossibilidade à linguagem, que esbarra nos vocativos<sup>2</sup>, interjeições e mutismo: poetizada, a poeta põe a "boca no jorro daquele peito", incapaz de palavras, mais intensa e verdadeira que o próprio navio que lhe foi passaporte para a experiência mística.

Ainda sobre a mística adeliana, é interessante citar um trecho do romance *O homem da mão seca*, aquele que, a meu ver, mais profundamente aborda o elemento místico da religiosidade, e essa relação entre palavra poética e experiência mística que é um dos elementos centrais dessa poética:

Entre as palavras lindíssimas uma é Verbo, singra o tempo como uma estrela cadente e volta ao escuro. São assim as poéticas, as místicas, têm as hipérboles e os êxtases, o brilho que a razão não devassa, gozo prometido aos simples de coração. Buscar as riquezas de Deus que quer de mim o mesquinho, o covarde, a maldade oferecida em holocausto. Dou-vos o pior de mim, a água turva em que fui gerada. (PRADO, 1999, p. 369).

Entre Palavra e palavras tem-se o humano: toda beleza e fragilidade do corpo, daquele que tem apenas corpo e palavras para vivenciar a sacralidade e o mistério de “um mundo espantoso em nosso redor, um mundo pronto a precipitar-se sobre nós, desde que nós nos abramos a ele” (FLUSSER, 2002, p. 92), descoisificando-o. Do corpo à Palavra e da palavra ao corpo, eis o périplo das personagens adelianas, que tateiam, cegas por esse “brilho que a razão não devassa”, ao encontro da alteridade, que pode ser, e frequentemente

---

para captar sua essência: diante de uma realidade que não se assemelha em nada à realidade humana ou cósmica, o homem experimenta uma reação de nulidade e profunda dependência que se traduz em sensação de aniquilação e terror diante do numinoso. O sagrado é *mysterium tremendum*, diante do qual experimentamos um "sentimento de estado de criatura" que é exemplarmente ilustrado pelo episódio bíblico de Moisés no Monte Sinai onde, diante da manifestação hierofânica da sarça ardente, Moisés é intimado a se aproximar com os pés descalços, “porque o lugar em que tu estás é terra santa” (Êxodo 3:5). Para Otto, o sagrado é irreduzível a qualquer outra realidade, a experiência do sagrado se faz acompanhar pelos sentimentos de arrebatamento, fascinação e espanto: “Pero el misterio religioso, el auténtico *mirum* es – para decirlo caso da manera mas justa – lo *heterogéneo en absoluto*, lo *thateron*, *anyad*, *alienum*, lo extraño y chocante, lo que se sale resueltamente del círculo de lo consuetudinario, comprendido, familiar, íntimo, oponiéndose a ello y, por tanto, colma el ánimo de intenso asombro” (OTTO, 2005, p. 38).

<sup>2</sup> Os vocativos podem ser entendidos como esse esgotamento da linguagem diante de um realíssimo impossível de ser dialogado. Essa interpretação parece coerente com algumas posições assumidas pela autora, quer em sua poética, quer em reflexões metalinguísticas; em conferência sobre a intercessão entre mística e poesia a autora dirá: “Eu acredito que os vocativos são o princípio de toda a poesia. Quando você fala assim: “Oh tu! Oh, vós!” Não há mais o que dizer. A poesia, como a filosofia, nasce de um sentimento de admiração e perplexidade. Então, o vocativo, para mim, é puramente poesia” (PRADO, 2004). Esse posicionamento reaparece em sua poesia, onde encontramos o seguinte verso: “Os vocativos / são o princípio de toda poesia” (poema *Genésíaco*. PRADO, 1991, p. 309).

nos romances de Adélia o é, homens e mulheres às voltas com o banal cotidiano, “pelejando para alcançar uma coisa muito maior que ela. Algo que se encontra acima dos interesses mesquinhos do dia a dia” . Entretanto, é por meio desse outro humano que o *completamente outro* será alcançado, pois é a alteridade que revela “a água turva em que fui gerada”, e me prepara para oferecer em sacrifício o pior de mim, aquilo que não é divino, logo, que não pode ser assumido como valor, como humano. Oferecendo-se em holocausto, o humano é dignificado, sacralizado, reintegrado à Unidade, ao Ser. A poética de Adélia fala de retorno e reconciliação, recuperando a característica da palavra mítica de aproximar realidades: a dos homens e a dos deuses.

Em entrevista dada a Cecília Canalle (1996) Adélia afirma que a poesia, à revelia dos poetas ateus, é intrinsecamente religiosa: “eu não faço poesia religiosa, num sentido que muita gente entende equivocadamente. O fato é que a poesia é que é religiosa, ela é sagrada”. A poesia é linguagem perfeita que não é conteúdo ou assunto<sup>3</sup>, constituindo antes uma forma pela qual o sagrado (o realíssimo) se revela. A poesia é busca pela Palavra perfeita, anterior e fundamento de todas as palavras humanas, que em sua forma poética são, como o disse Adélia em outro momento, o rastro que Deus deixa nas coisas... Logo, a poesia, mesmo aquela sem nenhum “assunto” religioso, é religiosa, porque busca uma terceira margem da língua, estado epifânico em que:

É um desejo de prostração que dá na gente, um desejo de adoração: você quer adorar e você sabe que não é mais aquilo que você tá produzindo, não é o rastro, não é mais a pegada como eu achava antes... Com aquela ânsia..., mas é a coisa que se mostra atrás disso. (PRADO in: CANALLE, 1996, p. 122).<sup>4</sup>

Afinal, “existe um grão de salvação / escondido nas coisas deste mundo” (*A poesia, a salvação e a vida*. PRADO, 1991, p. 216) que permite que todo movimento humano seja entendido como movimento para... Aqui cabe lembrar que esse movimento para a transcendência se repetirá analogicamente nas experiências religiosas, eróticas e poéticas, como resposta à nostalgia de um estado anterior que permanece enquanto sonho e mito:

<sup>3</sup> Em outra entrevista, Adélia dirá: “O poema está a serviço da beleza, mais nada. Não se permite ser usado para doutrinas políticas, filosóficas ou religiosas. Odeia engajamentos, não se vincula, não é assunto, é forma” (PRADO, 2001).

<sup>4</sup> Da entrevista concedida por Adélia Prado ao Prof. Dr. Luiz Jean Lauand em 05/11/1993 e publicada como anexo na dissertação de mestrado de Cecília Canalle (1996).

O sagrado nos escapa. Ao tentarmos prendê-lo, percebemos que ele tem sua origem em algo anterior que se confunde com nosso ser. Assim ocorre com o amor e a poesia. As três experiências são manifestações de algo que é a própria raiz do homem. Nas três lateja a nostalgia de um estado anterior (PAZ, 1982, p. 164).

Seria plausível, então, entender, apoiados na poética adeliana, a verdade religiosa como um *desejo* de colar os estilhaços das vivências humanas, de recuperar um real impossível, que se estilhaça e atomiza em meio à casualidade assustadora dos fenômenos? Para aquele tocado pela fímbria do sagrado, a busca pela transcendência torna-se uma tortuosa e torturante negação das condições de possibilidade para o existir; sendo a essência do erotismo a recusa da fragmentação, não apenas a dita pós-moderna, mas aquela outra, ancestral, do indivíduo com o todo indiferenciado, pleno e plural. Encontrar-se com o sagrado é também se encontrar com o humano, daí a proximidade entre o movimento do erotismo sagrado (místico) e o erotismo dos corpos e corações, é o que afirma Octávio Paz:

A experiência do Outro culmina na experiência da Unidade. Os dois movimentos contrários se implicam. Atirando-se para trás já se dá o salto para adiante. O precipitar-se no Outro apresenta-se como um regresso a algo de que fomos arrancados. Cessa a dualidade, estamos na outra margem. Demos o salto mortal. Reconciliamo-nos conosco (PAZ, 1982, p. 161).

A terceira margem é, portanto, a meta perseguida nos descaminhos da paixão, da experiência mística e da imagem poética. Ao mesmo tempo, essa busca, esse desejo de precipitar-se no outro, faz parte daquilo que nos constitui enquanto homens. Destarte, essa poética surge como testemunho dessa procura pela unicidade, coesão e continuidade, uma lamentação e um protesto pela fragmentação e relatividade do mundo não cosmogonizado pelo numinoso:

O outro está sempre ausente. Ausente e presente. Há um buraco, uma cova a nossos pés. O homem anda desamparado, angustiado, buscando esse outro que é ele mesmo. E nada pode fazê-lo tornar a si, exceto o salto mortal: o amor, a imagem, a Aparição (PAZ, 1982, p. 162).

A poesia surge, então, como reconciliação de elementos aparentemente divorciados, sendo ela mesma erótica, o que acaba com a proclamada "novidade", apontada por muitos na poesia de Adélia, de unir signos sagrados a signos eróticos e, ainda mais, de entretecê-

los tendo como pano de fundo temático as considerações sobre a morte. Podemos dizer que a poesia é erótica porque reconcilia, em termos linguísticos, elementos aparentemente irreconciliáveis, fundindo-os na imagem, que é quando o isto e o aquilo perdem sua plasticidade e se cristalizam na metáfora. Ao mesmo tempo, essa operação alquímica está estreitamente vinculada à religiosidade, pelo fato de possibilitar uma cosmogonização do mundo, não sendo gratuito que inúmeras narrativas sagradas atribuam um poder mágico à Palavra, poder de criação e cosmogonização ontológica, como se vê no Gênesis bíblico: “E disse Deus: Haja luz, e houve luz”. Octávio Paz contribui para a percepção da relação entre poesia e religião quando afirma que através da imagem, espaço no qual os contrários se fundem, e o homem é convidado a recriar a imagem do mundo, comungando com o poeta dessa experiência de cosmogonização:

E o próprio homem, desgarrado desde o nascer, reconcilia-se consigo quando se faz imagem, quando se faz outro. A poesia é metamorfose, mudança, operação alquímica, e por isso é limítrofe da magia, da religião e de outras tentativas para transformar o homem e fazer “deste” ou daquele “outro” que é ele mesmo. O universo deixa de ser um vasto armazém de coisas heterogêneas. Astros, sapatos, lágrimas, locomotivas, salgueiros, mulheres, dicionários, tudo é uma imensa família, tudo se comunica e se transforma sem cessar, um mesmo sangue corre por todas as formas e o homem ser por fim, seu desejo: ele mesmo. A poesia coloca o homem fora de si e, simultaneamente, o faz regressar ao seu ser original: volta-o para si. O homem é sua imagem: ele mesmo e aquele outro. Através da frase que é ritmo, que é imagem, o homem – aquele perpétuo chegar a ser – é. A poesia é entrar no ser (PAZ, 1982, p. 50).

Conjugando nomes e coisas, abolindo ou reconciliando significados contrários sem suprimi-los, a imagem poética, “reino onde nomear é ser” (PAZ, 1982, p. 48) faz com que a palavra se imobilize, perdendo sua "utilidade" e intercambialidade: “a linguagem, tocada pela poesia, cessa imediatamente de ser linguagem. Ou seja, um conjunto de signos móveis e significantes. O poema transcende a linguagem” (PAZ, 1987, p. 48). Daí o fato de a poesia não re-presentar a realidade, mas, sim apresentá-la a nós, desvelando o véu que a sequência intermitente de acontecimentos amorfos faz cair sobre o espanto do ser. A poesia é mística porque recupera o espanto ante o outro, o completamente outro, e erótica porque desejante de reconciliação, naquilo que Octávio Paz chamou de “núpcias dos contrários”.



A poesia de Adélia aparece permeada pelo signo da reconciliação, promovendo uma sacralização do banal cotidiano, ao mesmo tempo em que *carnavaliza*<sup>5</sup> elementos do discurso sagrado; a experiência religiosa adquire sentido de festa, de gozo e comunhão mística muito distante do olhar entediado que encontramos nos oficiantes modernos. No poema *Sítio* percebemos uma operação de sacralização espacial por meio da qual a igreja torna-se *locus* sagrado, repleto de signos que, por oferecerem um arcabouço simbólico-significativo, protegem contra a loucura e o caos da não realidade:

Igreja é o melhor lugar.  
Lá o gado de Deus para pra beber água,  
rela um no outro os chifres  
e espevita seus cheiros  
que eu reconheço e gosto,  
a modo de um cachorro.  
È minha raça, estou  
em casa como no meu quarto.  
Igreja é a casamata de nós.  
Tudo fica seguro e doce,  
Tudo é ombro a ombro buscando a porta estreita.  
Lá as coisas dilacerantes sentam-se  
ao lado deste humaníssimo fato  
que é fazer flores de papel  
e nos admirarmos como tudo é crível.  
Está cheia de sinais, palavra,  
cofre e chave, nave e teto aspergidos  
contra vento e loucura.  
Lá me guardo, lá me espreito  
a lâmpada me espreita, adoro  
o que me subjuga a nuca como a um boi.  
Lá sou corajoso  
E canto com meu lábio rachado:  
glória no mais alto dos céus  
a Deus que de fato é espírito  
e não tem corpo, mas tem  
o olho no meio de um triângulo  
donde se vê todas as coisas,  
até os pensamentos futuros.  
Lugar sagrado, eletricidade  
que eu passeio sem medo.  
Se eu pisar  
o amor de Deus me mata. (PRADO, 1991, p. 74-75).

---

<sup>5</sup> Termo que Bakhtin utiliza para caracterizar a cultura popular da Idade Média e Renascimento, em cujo imaginário predominava o princípio material e corporal que, entretanto, aparece “sob a forma universal, festiva e utópica. O cósmico, o social e o corporal estão ligados indissolivelmente numa totalidade viva e indivisível, é um conjunto alegre e benfazejo” (BAKHTIN, 1987, p. 17). Em relação à poesia de Adélia, o termo é utilizado *lato sensu*, isto é, apontando para a dimensão corpórea que o sagrado assume nessa poética.

O melhor lugar é aquele em que o divino se manifesta (por meio da hierofania) estruturando, pela simples enunciação da sua presença, o caos em cosmos. O espaço sagrado oferece proteção “contra vento e loucura” e Deus não é uma abstração teológica, possuindo a concretude geométrica de “olho no meio do triângulo”. A rotura se dá, possibilitando a comunicação entre os espaços sagrado e profano. Entretanto, não há uma esterilização deste último, com a previsível espiritualização: "Tudo é ombro a ombro buscando a porta estreita" e, "o humaníssimo fato/que é fazer flores de papel" não impede que a hierofania aconteça. O cotidiano é sacralizado, plenificando-se do divino sem rejeição ou dissonância com o corpo, na contramão de uma longa tradição cristã a poeta apregoa uma mística que se assume naturalmente erótica, na qual se adora "o que me subjuga a nuca como a um boi".

Para melhor compreender a sacralização espacial a que o poema acima alude, é interessante ouvir Mircea Eliade (2001, p. 59), que afirma:

[...] lá onde o sagrado se manifesta no espaço, o real se revela, o Mundo vem à existência. Mas a erupção do sagrado não somente projeta um ponto fixo no meio da fluidez amorfa do espaço profano, um “centro” no “caos”; produz também uma rotura de nível, quer dizer, abre a comunicação entre os níveis cósmicos (entre a Terra e o Céu) e possibilita a passagem, de ordem ontológica, de um modo de ser a outro. É uma tal rotura na heterogeneidade do espaço profano que cria o “centro” por onde se pode comunicar com o transcendente, que, por conseguinte, funda o “Mundo”, pois o Centro torna possível a *orientatio*.

## 2 Poesia e morte

Um outro espaço tocado pelo sagrado que será diversas vezes retomado por Adélia é o campo-santo (cemitério), considerando-o lugar “bom de passear. / A vida perde a estridência, o mau gosto ampara-nos das dilacerações” (*Campo Santo*. PRADO, 1991, p. 170), isso porque é no campo-santo que a poeta constata que assumir a morte como parte intrínseca da vida é tarefa para a qual é preciso se empenhar em um longo aprendizado que tem na poesia seu maior pedagogo. Pela encenação da morte cotidiana das coisas, das gentes e dos momentos vividos (em especial as lembranças da infância, retomada como o

tempo idílico dos primeiros espantos e descobertas) ocorre o resgate pela memória daquilo que ajuda a tornar compreensível “a mensagem secreta, / o inefável sentido de existir”. (*A fala das coisas*. PRADO, 1991, p. 195). A poesia manda um recado de alegria que encontra na esperança da ressurreição seu motor, e a voz poética anuncia: “Quero estar cheia de dor mas não quero a tristeza” (*Códigos*. PRADO, 1991, p. 203), porque “Tristeza é o nome do castigo de Deus/e virar santo é rever a alegria./Isso eu quero”(Choro a capela. PRADO, 1991, p. 213).

Entretanto, a fragilidade dos homens não é mascarada ou omitida, em uma espécie de glorificação do corpo. Se "que a fonte da vida é Deus / há infinitas maneiras de entender" (*O modo poético*. PRADO, 1991, p. 77), uma delas é a consciência da própria temporalidade. A esperança cristã da ressurreição assume vital importância para manter essa “ilusão fantástica” de uma vida além da vida e alimentar a alegria que move esse estar-no-mundo religioso. Veja-se o poema *Pistas*:

*Não pode ser uma ilusão fantástica*  
o que nos faz domingo após domingo  
visitar os parentes, insistir  
que assim é melhor, que de fato um bom  
emprego é meio caminho andado.  
Não poder ser verdade  
que tanto afã escave na insolvência.  
Há voos maravilhosos de ave,  
aviões tão belos repousando nos campos  
e o que é piedoso no morto:  
não seu sexo murcho,  
mas suas mãos empenhadas sobre o peito. (PRADO, 1991, p. 24).

Cabe lembrar que o reino do céu desejado é em tudo semelhante ao reino dos homens, com uma única diferença: a morte foi derrotada e o tempo se desdobra ciclicamente, permanecendo sem fraturas, na rotina perfeita que é própria do tempo sagrado<sup>6</sup>, como se verifica no poema *O reino do céu*, abaixo:

Quando eu ressuscitar, o que quero é  
a vida repetida sem o perigo da morte,  
os riscos todos, a garantia:  
à noite estaremos juntos, a camisa no portal.  
Descansaremos porque a sirene apita  
e temos que trabalhar, comer, casar,

---

<sup>6</sup> “A rotina perfeita é Deus” afirma um dos versos do poema *Mural* (PRADO, 1991, p. 446).

passar dificuldades, com o temor de Deus,  
para ganhar o céu. (PRADO, 1991, p. 124).

A constatação "morre-se" é inexorável, não obstante todo insistente esforço para esquecê-la (cf. poema *Bulha*. PRADO, 1991, p. 161). A beleza, dádiva, construto ou essência do humano, aparece no poema *Pistas* como promessa de que é possível driblar o correr das areias do tempo e dar sentido à existência. Em contraponto, leia-se o poema *O dia da ira*, subsequente ao poema *Pistas* na obra citada.

As coisas tristíssimas,  
o rolomag, o teste de Cooper,  
a mole carne tremendo entre as pernas  
vão desaparecer quando soar a trombeta.  
Levantaremos como deuses,  
com a beleza das coisas que nunca pecaram,  
como árvores, como pedras,  
exatos e dignos de amor.  
Quando o anjo passar,  
o furacão ardente do seu voo  
vai secar as feridas,  
as secreções desviadas dos seus vasos  
e as lágrimas.  
As cidades restarão silenciosas, sem um veículo:  
apenas os pés de seus habitantes  
reunidos na praça, à espera de seus nomes. (PRADO, 1991, p. 25).

É claro o diálogo com a mitologia judaico-cristã da ressurreição, presente de resto em grande parte da obra de Adélia. “As coisas tristíssimas”, testemunho dessa arquitetura fragilíssima a que chamamos humanidade, desaparecerão ao som da trombeta apocalíptica e, com a certeza de que “mais Deus nos perdoará, / Ele que sabe o que fez 'homem humano'” (*Apelação*. PRADO, 1991, p. 219), os habitantes da cidade esperam na praça por novos céus e novos nomes, símbolo este último de novíssima identidade, pois, como atesta o apóstolo Paulo, "as coisas velhas já passaram e eis que tudo se fez novo" (2Cor 5:17).

“A poesia, a mais ínfima, é serva da esperança”(Tarja. PRADO, 1991, p. 54) e é também discurso profético que ressignifica o absurdo da existência, proclamando as boas-novas da salvação – a salvação do niilismo e da suspeita de um insuperável *nonsense* nos projetos humanos – em um permanente diálogo com o discurso cristão que, entretanto, não se submete à sua moral platônica de mortificação do corpo e espiritualização das

experiências erótico-amorosas, porque convicta de que "sem o corpo a alma de um homem não goza." (*A terceira via*. PRADO, 1991, p. 348).

O numinoso, aqui, recupera a força de um panteísmo irracional: "Mais me colhe Teu amor que a força da tempestade / Os elementos Te louvem em fúria ou calma. / Diga eu sim ao teu chamado, venha Tua voz do trovão / ou de entre as flores do prado" (*O Antigo e o Novo*. PRADO, 1991, p. 222), tomando de assalto todas as dimensões humanas, inclusive a erótica, como se pode verificar nos poemas em que aparece a personagem Jonathan, poemas onde é radical a aproximação entre determinados símbolos e elementos da mística cristã e o discurso erótico. A pergunta retórica "Quem é o estranho a quem chamo de Jonathan?" (*O bom pastor*. PRADO, 1991, p. 336) será respondida primeiramente com a identificação deste com o deus feito carne e depois com a declaração de que:

Jonathan é isto,  
fato poético desde sempre gerado,  
matéria de sonho, sonho,  
hora em que tudo mais desce à desimportância.  
Agora que me decido à mística,  
escrevo sob seu retrato:  
"Jesus, José, Javé, Jonathan, Jonathan,  
a flor mais diminuta é meu juiz". (*A criatura*. PRADO, 1991, p. 366).

A poesia adeliana apresenta-se como testemunho desta vida interior a que Octávio Paz alude. Se *a grande tarefa é morrer* (*Campo-santo*, PRADO, 1991, p. 170), a morte não pode mais ser compreendida em oposição à vida, mas, sim, como parte intrínseca dela. Viver é morrer e não apenas caminhar para a morte, como o senso comum acredita, não sendo mero acaso que o sentimento de plenitude advenha, quase sempre, da percepção de fugacidade e efemeridade: o instante que se vive é também aquele que se perderá no vivido, realizando-se no agora e abdicando de suas potências e possibilidades.

Entretanto, o homem encontra-se, na maior parte do tempo, subjugado pela ilusão do tempo tripartido em passado-presente-futuro, sem perceber que a morte engendra-se em suas entranhas e que "sua graça, seu desastrado encanto / é por causa da vida" (*Um homem habitou uma casa*, Prado, 1991, p. 225). Octávio Paz chama a atenção para essa relação entre erotismo, mística e palavra poética que apontamos na poética de Adélia Prado, alertando-nos para a existência de uma dimensão sagrada do mundo que nos cerca, que se

nos oculta e se desvela em raros momentos de hierofania possibilitados pela experiência erótico-amorosa, pela erupção do numinoso e pela imagem poética.

Às vezes, sem causa aparente — ou como dizemos em espanhol: porque sí —, vemos de verdade o que nos rodeia. E essa visão é, a seu modo, uma espécie de teofania ou aparição, pois o mundo se revela para nós em suas dobras e abismos como Krishna diante de Arjuna. Todos os dias atravessamos a mesma rua ou o mesmo jardim; todas as tardes nossos olhos batem no mesmo muro avermelhado, feito de ladrilho e tempo urbano. De repente, num dia qualquer, a rua dá para outro mundo, o jardim acaba de nascer, o muro fatigado se cobre de signos. Nunca os tínhamos visto e agora ficamos espantados por eles serem assim: são assim as coisas ou são de outro modo? Não, isso que estamos vendo pela primeira vez, já havíamos visto antes. Em algum lugar, no qual nunca estivemos, já estavam o muro, a rua, o jardim. E à surpresa segue-se a nostalgia. Parece que nos recordamos e quereríamos voltar para lá, para esse lugar onde as coisas são sempre assim, banhadas por uma luz antiquíssima e ao mesmo tempo acabada de nascer. Nós também somos de lá. Um sopro nos golpeia a fronte. Estamos encantados, suspensos no meio da tarde imóvel. Adivinhamos que somos de outro mundo. É a “vida interior”, que retorna. (PAZ, 1982, p. 161).

A revelação epifânica ocorre quando os olhos se abrem e "vemos de verdade o que nos rodeia", o que pode ser um muro coberto de hera, a roda amassada do primeiro velocípede, o rosto do amado ou as montanhas do Himalaia. A partir do deslocamento do olhar facultado por essas experiências epifânicas – poesia, mística e erotismo - a poética adeliana põe em ação uma desinstrumentalização das coisas, dos homens e da memória, que renascem de si mesmas e testemunham de um outro mundo coberto de signos e espantos. E é desse mundo novamente encantado que a obra de Adélia nos fala.

## **Conclusão**

A poesia possui a função de “revelar a condição paradoxal do homem” (PAZ, 1982, p. 189): o fato de que, tendo a temporalidade inscrita em sua pele, realiza a reconciliação entre vida e morte pelo encontro com a própria outridade constitutiva, o que, em outras palavras, significa a mudança de enfoque de uma transcendência positiva (Deus) e a possibilidade de uma transcendência negativa (o homem-humano). Nesse processo, que tem muito de epifânico, de torna-se consciente de que somos o tempo e o tempo é a nossa medida, a poesia terá papel essencial que se assemelha, em diversos níveis, ao papel das

narrativas religiosas, conforme defendido por Octávio Paz (1982, p. 190) no fragmento abaixo:

Não são as sagradas escrituras das religiões que constroem o homem, pois se apóiam na palavra poética. O ato pelo qual o homem se funda e se revela a si mesmo é a poesia. Em suma, a experiência religiosa e a poética tem uma origem em comum: suas expressões históricas – poemas, mitos, orações, exorcismos, hinos, representações teatrais, ritos, etc. – são às vezes indistinguíveis; as duas, enfim, são experiências de nossa “outridade” constitutiva. A religião, porém, interpreta, canaliza e sistematiza a inspiração, dentro de uma teologia, ao mesmo tempo em que as igrejas confiscam seus produtos. A poesia nos abre a possibilidade de ser que todo nascer contém; recria o homem e o faz assumir sua verdadeira condição, que não é a separação vida ou morte, mas uma totalidade: vida e morte num só instante de incandescência.

Perspectiva semelhante a essa de Paz aparecerá na poética de Adélia Prado, seja prosa ou poesia, em sua constante afirmação de que os grandes temas – erotismo, mística e morte (*O modo poético*. PRADO, 1991, p. 77) – são irrecusáveis à poesia, pois essa se realiza na vida, que urge arrancando da poeta a declaração:

É difícil morrer com vida,  
é difícil entender a vida,  
não amar a vida impossível.  
Infinita vida que para continuar desaparece  
e toma outra forma e rebrota,  
árvore podada se abrindo,  
a raiz mergulhada em Deus. (*Um bom motivo*. PRADO, 1991, p. 232).

Assim, fecha-se o círculo: erotismo e mística são faces de uma mesma moeda, compondo aquilo que Bataille denomina de movimentos para o *sentimento de continuidade*, salto sobre o abismo existencial que nos separa do outro, do *completamente Outro*; movimentos em que a morte é antevista como horizonte-limite que dá o tom das realizações humanas e de seu vir-a-ser. E a poesia é código, veículo e guia para a compreensão de que se "Deus mastiga com força a nossa carne dura", "nem por chorar estamos abandonados". (*A fala das coisas*. PRADO, 1991, p. 195).

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1987.
- BATAILLE, George. **O erotismo**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1987.
- BÍBLIA SAGRADA**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Ed. Vida, 1997.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FLUSSER, Vilém. **Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- CANALLE, Cecília. **Fundamentos filosóficos da poética de Adélia Prado: subsídios antropológicos para uma filosofia da educação**. (Dissertação) São Paulo: FEUSP, 1996.
- OTTO, Rudolf. **Lo santo, lo racional y lo irracional en la idea de Dios**. Madrid: Alianza Editorial, 2005.
- PAZ, Octávio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PAZ, Octávio. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- PRADO, Adélia. **Bagagem**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1976.
- PRADO, Adélia. **Os componentes da banda**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1985.
- PRADO, Adélia. **Poesia reunida**. 3.ed. São Paulo: Siciliano, 1991.
- PRADO, Adélia. **Prosa reunida**. São Paulo: Siciliano, 1999.
- PRADO, Adélia. **Entrevista concedida a Walter Cabral de Moura**. Encontros de escrita, dezembro de 2001. Acessado em <http://www.escritas.hpg.ig.com.br/adeliaprado.htm>, em 20/04/02.
- PRADO, Adélia. **Mística e poesia**. Conferência realizada no Centro Loyola e publicada pela Magis Revista de Fé e Cultura. Catálogo organizado por BINGEMER, Maria Clara Lucchetti e YUNES, Eliana. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2004.